ISSN: 2594-4630
Vol. 5, n. 3

REVISTA DE ENSINO EM ARTES, MODA E DESIGN
DOSSIÊ ESPECIAL I ENCONTRO DE GTs DO COLÓQUIO DE MODA

DOI: 10.5965/25944630532021010

QUANDO A MODA NÃO É SÓ MODA: O LUGAR DA MODA NA SOCIOLOGIA DE SIMMEL

When fashion is not just fashion: the place of fashion in Simmel's sociology

Cuando la moda no es sólo moda: el lugar de la moda en la sociología de Simmel

Carlos Alberto Barbosa[1]

1 Carlos Alberto Barbosa. Pós-doutorando pela Faculdade de Educação da USP, Doutor em Design pelo PPG-Design da Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisador do Grupo de Pesquisa GPS-Práticas de Socialização Contemporâneas. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3433200570549304. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8477-4673. E-mail: carlosalberto.barbosa@gmail.com

RESUMO

A partir das referências ao ensaio *A moda*, de Georg Simmel (2020), feitas por alguns autores estudados nos bacharelados de moda no país, (CRANE, 2006; ERNER, 2005, LIPOVETSKY, 2009; SVENDSEN, 2010), este artigo discute que na teoria simmeliana o fenômeno da moda transcende os aspectos ligados ao mecanismo de imitação, conhecido por "teoria do gotejamento" (*trickle-down theory*). Nesse sentido, o artigo se detém em especial nas referências que Crane (2006) faz ao ensaio de Simmel, uma vez que a autora aponta que o estudo sobre a imitação teria sido a principal contribuição de Simmel para uma sociologia da moda, isolando assim o aspecto da imitação dos demais desenvolvimentos teóricos realizados por Simmel, em especial os fundamentos teóricos e metodológicos relacionados aos contextos de interação e das formas de socialização. Esse deslocamento do texto de Simmel acaba por sombrear parte dos elementos críticos que se desdobram sobre a moda na sua condição efêmera, própria de uma modernidade discutida pelo autor no século XIX.

Palavras-chave: Sociologia da Moda; Socialização; Georg Simmel.

Abstract

Considering the references to Georg Simmel's essay Fashion *(2020) made by Crane (2006), Erner (2005), Lipovetsky (2009), and Svendsen (2010), this article discusses Simmel's theory of fashion as a social phenomenon transcending the aspects linked to the imitation mechanism, known as trickle-down theory. In this sense, the article focuses on the references that Crane (2006) makes to Simmel's essay since the author points out that the study on imitation would have been Simmel's main contribution to a sociology of fashion. Her focus on the trickle-down theory isolates and displaces the aspect of imitation from other theoretical developments carried out by Simmel, such as the theoretical and methodological grounds of interaction and the forms of socialization. This displacement of Simmel's theory ends up shading part of the critical elements that he unfolds about fashion in its ephemeral condition, typical of the author's modernity discussion in the 19th century.*

Keywords*: Fashion Sociology; Socialization; Georg Simmel.*

Resumen

Teniendo en cuenta las referencias que Crane (2006), Erner (2005), Lipovetsky (2009) y Svendsen (2010) hacen al ensayo La Moda *(2020) de Georg Simmel, este artículo analiza la teoría de la moda de Simmel como fenómeno social que trasciende aspectos relacionados con el mecanismo de imitación, conocido como teoría del goteo. En este sentido, el artículo se centra en las referencias que Crane (2006) hace al ensayo de Simmel, ya que la autora señala que el estudio sobre la imitación habría sido la principal aportación de Simmel a una sociología de la moda. Su enfoque en la teoría del goteo aísla y desplaza el aspecto de imitación de otros desarrollos teóricos llevados a cabo por Simmel, como los fundamentos teóricos y metodológicos de la interacción y las formas de socialización. Este desplazamiento de la teoría de Simmel acaba ensombreciendo parte de los elementos críticos que* él *exhibe sobre la moda en su condición efímera, propia de la discusión del autor sobre la modernidad en el siglo XIX.*

Palabras-clave: *Moda; Socializacíon; Georg Simmel.*

1 INTRODUÇÃO

Georg Simmel (1858-1918) figura entre os primeiros teóricos a levar para o meio acadêmico alemão uma crítica da modernidade, ainda na segunda metade do século XIX, enquanto participava da organização da Sociedade Alemão para a Sociologia (FRISBY, 2016; GONON, 2019; RAMMSTEDT, 2015). No campo da sociologia, Simmel se dedicou aos processos de interação e às formas de socialização como elementos fundantes da sociedade (VANDENBERGHE, 2018), também cabendo a ele ter sido dos primeiros a tomar a moda como objeto de reflexão, e localizá-la como fenômeno social da modernidade. Com isso, pode-se dizer que Simmel reúne sob seus escritos três elementos que o tornam uma referência importante para os estudos da moda: uma sociologia orientada pelos processos dinâmicos das interações e das formas de socialização com características distintas da sociologia apresentada por Durkheim; uma visão crítica da modernidade; e a moda como objeto de estudo da sociologia, inserida no contexto da modernidade.

Tendo em vista a presença desses elementos (sociologia, modernidade e moda), não é de surpreender que seu nome esteja presente e suas ideias discutidas em alguns textos já clássicos nos currículos dos cursos de bacharelado em moda no país. Em algumas dessas bibliografias, a forma introdutória como suas ideias são apresentadas poderia servir de isca para que os estudantes de moda se interessassem pelo texto de Simmel. Esses são os casos das citações feitas por Crane (2006), Erner (2005), Lipovetsky (2009) e Svendsen (2010). Por óbvio que cada um desses autores possuem um plano próprio de aproximação do campo da moda, com questões igualmente específicas que são tratadas em seus trabalhos, o que, evidentemente, não os obriga a dissecar o texto de Simmel, o que por vezes acaba por não ser um estímulo à leitura de sua obra.

Svendsen (2010), por exemplo, reconhece no ensaio de Simmel sobre moda os embates entre o impulso socializante e o da diferenciação, e lembra que “[...] a moda não pode ser encontrada em sociedades em que o impulso socializante é mais forte que o da diferenciação, e em que não se formaram classes sociais” (2010, p. 45). Erner (2005), por sua vez, observa esse mesmo embate entre socialização e diferenciação, e aponta a ênfase dialética presente nos textos de Simmel, uma vez que as relações que se estabelecem entre os indivíduos em torno da moda são de reciprocidade, afetando a todos os envolvidos no processo. Partindo de Simmel, Erner escreve que, “Por construção, a moda é a relação recíproca por excelência” (2005, p. 122), o que implica no conceito de interação recíproca (*Wechselwirkung*), tão caro ao pensamento simmeliano. Já Lipovetsky (2009), em poucos linhas, dispensa a aproximação aos textos de Simmel, por não considerar que a perspectiva adotada por ele, Simmel, possa trazer maiores contribuições ao seu projeto teórico.

O presente artigo não trata de efetuar qualquer juízo acerca desses autores sobre o uso que fazem do texto simmeliano no interior de seus próprios projetos teóricos. Ao chamar a atenção para tais referências, o que se pretende é tomá-las como provocações para discutir o ensaio *A moda*, de forma a libertá-lo do estigma de ser entendido tão somente a partir do mecanismo da imitação, algo que será introduzido de forma pontual pelo texto de Diana Crane (2006). Portanto, esse artigo não tem por objetivo estabelecer qualquer

tipo de crítica a esses autores, mas partir das referências que fazem ao texto de Simmel para problematizar e propor ao aluno de moda uma leitura do ensaio simmeliano que vai além da questão da imitação, instigando o leitor a entendê-lo em um contexto mais amplo.

Ao abrir espaço para as reflexões de Simmel, e expandi-las para além da chamada teoria do gotejamento, os alunos dos cursos de bacharelado de moda têm a oportunidade de se aproximar de um dos autores que não só problematizou questões que foram caras para a formação de uma leitura crítica da modernidade no século XIX, como também introduziu um olhar dinâmico na sociologia a partir dos processos de diferenciação nos círculos sociais, que foi fundamental para um pensamento sobre a sociologia de rede, ou sociologia relacional (FONTES, 2014; RUGGIERI, 2020; PYYHTINEM, 2020). São teorias que ao se desdobrarem e chegarem aos dias atuais, fornecem um caminho para o exercício analítico sobre os fenômenos ligados à dinâmica da moda que atravessam as classes sociais em diferentes direções.

2 *A MODA* NAS CITAÇÕES DE DIANA CRANE: À GUISA DE JUSTIFICATIVA E PROCEDIMENTO DE PESQUISA

O tratamento que Crane (2006) dispensa ao ensaio *A moda* é rico para refletir sobre a pertinência da questão da imitação como fio condutor da leitura do texto simmeliano. Que pese o fato de Crane dedicar em seu livro poucos parágrafos a ele, o que instiga neste artigo a tomar o trabalho de Crane como ponto de partida é o fato de sua obra ser muitas vezes o primeiro contato, e talvez único, que os alunos do bacharelado em moda venham a ter com as ideias de Simmel ao longo do curso. Em *A moda e seu papel social*, Crane observa "[...] o vestuário como algo estratégico para estudar as mudanças no significado dos bens culturais em relação a mudanças nas estruturas sociais, na natureza das organizações culturais e em outras formas de cultura" (2006, p. 60). Para tanto, a autora faz um rápido panorama de alguns teóricos do campo da sociologia que se dedicaram ao tema da moda, entre eles Georg Simmel.

A referência que Crane faz a Simmel limita-se a uma exposição do que ficou conhecido posteriormente como "teoria do gotejamento" (*trickle-down theory*), apontando a imitação como o mecanismo de circulação da moda, que parte das classes superiores em direção às classes mais baixas. Todavia, no texto de Simmel a imitação não é apenas o mecanismo através do qual a moda circula entre as classes sociais, mas, sobretudo, ela é **uma** das expressões do conflito entre o impulso de diferenciação e o impulso social que estariam presentes em cada indivíduo. Um conflito que se instaura na relação entre indivíduos e entre indivíduo e unidades sociais (objetivadas ou não em instituições), mas que sempre "[...] prossegue no próprio indivíduo como luta entre as partes de sua essência" (SIMMEL, 2006, p. 84). Simmel constrói uma imagem para marcar que o impulso que produz a diferenciação é vital para a constituição do todo na formação e manutenção de uma unidade social, ao lembrar que "[...] não se constrói uma casa a partir das casas, e sim a partir de pedras especialmente formadas; nenhuma árvore cresce a partir de árvores, e sim a partir de células diferentes" (SIMMEL, 2006, p. 84). O olhar que ele debruça sobre a

moda como fenômeno social, não seria diferente. A moda também possui em sua unidade as diferenças como elementos constitutivos, que acabam por se apaziguar em unidades formalmente constituídas.

Porém, não é a pacificação das partes contraditórias promovida pela unidade social que interessa a Simmel. A tarefa da sociologia de Simmel, conforme aponta Waizbort

> [...] investiga as modalidades em que a socialização, que se dá através de interações, acaba por se cristalizar. A tarefa da sociologia é, portanto, não apenas analisar as formas enquanto tais como, por detrás delas, perceber como elas são resultados e configurações históricas [...] de processos que, por detrás delas, continuam em ação e movimento (2008, p. 4-5)

Conflito e diferenciação são condições de existência dessas cristalizações que se decantam na moda. Essa unidade de conflitos, que no texto simmeliano se materializa na forma de moda, é minimizada na apresentação que Crane faz do mecanismo de imitação, promovendo um duplo deslocamento do ensaio de Simmel. O primeiro deslocamento ocorre em um âmbito mais amplo da sua obra teórica, na medida em que a autora desconsidera o ensaio *A moda* em relação a outros textos do autor. É importante retomar que quando da publicação de *A moda*, Simmel finalizava e publicava o arcabouço teórico de seus estudos sobre as formas de socialização (SIMMEL, 2015). Os quase quinze anos de escrita da obra sobre formas de socialização marcam um período no qual os temas sobre a delimitação do campo da sociologia, as interações e as formas de socialização propriamente ditas eram questões candentes para ele, e eram pressupostos de muitos dos seus ensaios publicados ao longo desse mesmo período (FRISBY, 2016; KEMPLE; PYYHTINEN, 2016; RAMMSTEDT, 1996; RUGGIERI, 2020). Um segundo deslocamento é promovido por Crane no interior do próprio ensaio *A moda* (SIMMEL, 2020), uma vez que a autora destaca o mecanismo de imitação, sem apontar que, no mesmo ensaio, Simmel já situava a imitação no contexto da luta entre o impulso de diferenciação e o impulso socializante.

A partir desses deslocamentos, o que se pretende demonstrar aqui, de maneira sucinta, são algumas das faces mais estimulantes da leitura de Simmel para o aluno de moda, tais como as relações entre moda, interação e formas de socialização, que não estão enunciados nas referências feitas por Crane (2006) sobre o ensaio de Simmel. Com isso, espera-se que esse artigo se preste a ser um estímulo para que o estudante de moda enfrente a leitura de Simmel, dentro de um conjunto mais amplo dos seus textos, tornando possível a percepção dessas relações entre moda, interação e formas de socialização, além de uma crítica da modernidade que caracterizam parte significativa do seu percurso teórico-crítico.

Por fim, cabe ressaltar que o texto de Crane é entendido aqui como um motivo, uma provocação, para uma leitura mais instigante e pormenorizada de Simmel, entendendo que a autora não apontou em qualquer momento do seu livro a intensão de se aprofundar ou esgotar a leitura de Simmel. Da mesma forma poderiam servir para o propósito deste

artigo, por exemplo, as obras de Erner (2005), Lipovetsky (2009) e Svendsen (2010), nas quais o ensaio *A moda* também é levado em conta. A escolha pelo texto de Crane, conforme apontado anteriormente, ocorre por conta de uma percepção (empírica) da grande penetração da sua obra, *A moda e seu papel social*, nos cursos de moda, e da possibilidade de discutir, a partir do uso que a autora faz do ensaio *A moda*, a relação entre moda e as circunstâncias teóricas mais amplas do pensamento simmeliano.

A fim de proceder a demonstração desses deslocamentos de Simmel na obra de Crane, em um primeiro momento o artigo retoma os trechos nos quais a autora faz referência ao ensaio *A moda*, para então indicar alguns elementos em diferentes textos de Simmel, notadamente em sua *Sociologia* (2015) e nas *Questões fundamentais da sociologia* (2006). Nesses textos são discutidas as bases do seu entendimento sobre o campo da sociologia, a partir dos quais pode-se apontar como o fenômeno da moda se relaciona com os processos de interação, diferenciação e formas de socialização.

Na sequência, o artigo retoma mais uma vez os trechos da obra de Simmel citados por Crane, para indicar a relação dessas referências com outras passagens do próprio ensaio *A moda* (SIMMEL, 2020), apontando os elementos que indicam que o ensaio de Simmel sobre moda não é somente um ensaio sobre moda, mas que também aponta para os elementos que são observados em outros escritos simmelianos, os quais dão forma ao que Waizbort (2008) chamou de uma “antropologia fundante”. Vista dessa forma, a moda recebe de Simmel o mesmo tratamento dado a outros fenômenos observados por ele, e que são manifestações de interações e socializações que produzem a própria sociedade. Ou ainda, como observou Vandenberghe, “O que interessa a Simmel é o jogo de interações como substrato vivo do social, como cadinho da sociedade” (2018, p. 94).

3 O PRIMEIRO DESLOCAMENTO: SIMMEL, MODA E SOCIALIZAÇÃO

Ao fazer uma breve retomada do contexto da moda no século XIX, Crane lembra que a moda “[...] deve ser vista segundo as várias maneiras pelas quais as roupas foram usadas como forma de controle social, mediante a imposição de uniformes e códigos de vestuário” (2006, p. 28). A autora aponta ainda que o século XIX foi marcado por “[...] um padrão bem definido de apresentação largamente adotado” (CRANE, 2006, p. 29). É nesse contexto que Crane introduz o ensaio *A moda*, de Georg Simmel (2020), indicando que

> A visão mais conhecida sobre moda e maneiras de vestir-se encontra-se na teoria de Georg Simmel, que define as mudanças na moda como um processo de imitação das elites sociais por parte de seus inferiores sociais (CRANE, 2006, p. 30).

Mas, essa visão sobre moda atribuída a Simmel parece ser apenas parte da questão. O contexto teórico construído por ele durante cerca de quinze anos, enquanto produzia seu trabalho sobre as formas de socialização, publicado em 1908 (SIMMEL,

2015), não deixa dúvidas sobre o fato da imitação, citada por Crane, ser apenas parte da sua aproximação da moda. Para melhor compreender esse ponto, é importante recuperar alguns elementos de sua sociologia, e como ela se diferencia da sociologia de Durkheim, que aponta para os aspectos coercitivos que atuam sobre os indivíduos.

Durkheim e Simmel foram contemporâneos. Ambos nasceram em 1858, e faleceram, respectivamente, em 1917 e 1918. Enquanto Durkheim ganhou fama e cravou seu nome na sociologia com sua obra atravessando o tempo sem grandes percalços, Simmel não teve o mesmo destino. Entre críticas de seus pares acadêmicos e admiração de seus alunos, os textos de Simmel acabam por ser vertidos para diferentes idiomas, e circularam no mundo ocidental com ele ainda em vida (WAIZBORT, 2013). Após sua morte muitos dos seus textos perderam destaque, e Simmel talvez tenha figurado entre aqueles pensadores "tornados ilegíveis", conforme apontou Didi-Huberman (2010), pelos mais diferentes motivos. Esses motivos vão desde a dispersão de seus escritos à dificuldade de leitura provocada pela construção de imagens a partir de objetos do cotidiano, que embora permitam ao leitor tocar a superfície do texto, por vezes tornam difíceis os mergulhos nas relações dialéticas que se desenvolvem abaixo do espelho d'água. Mas foi principalmente a partir do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 que sua obra voltou à cena, em especial como uma vertente crítica da modernidade tardia (FRISBY, 2016; PYYHTINEM, 2016; RAMMSTEADT, 2015).

Diferentemente de Durkheim, para quem a sociologia se debruça sobre o fato social, que é "[...] reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos [...]" (1977, p. 8), Simmel aponta que o objeto de estudo da sociologia são as interações recíprocas (*Wechselwirkung*) e as formas de socialização (*Vergesellschaftug*). Em suas próprias palavras, "Se há de existir uma ciência cujo objeto seja a sociedade, e somente ela, só poderão ser propostos como fins últimos de sua investigação as ações recíprocas e as formas de socialização" (SIMMEL, 2015, s.p., tradução nossa). Essas diferentes concepções do campo da sociologia implicam em diferentes entendimentos da relação entre indivíduo e sociedade, e até mesmo da própria concepção de sociedade.

Para Durkheim, a sociedade é a reunião de indivíduos sob o manto do fato social, ou seja, um conjunto de indivíduos "[...] diante de maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais" (DURKHEIM, 1977, p. 2). Por outro lado, Simmel aponta que a sociedade

> [...] significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros [...] e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação [*Vergesellschaftung*] (2006, p. 17 - 18)

A construção da unidade social, para Simmel, além de ser uma unidade provisória, suscetível a mudanças em meio a um "fluxo incessante", é fruto de influência mútua entre as partes, e não identificada apenas com a coerção de um grupo ou indivíduo

sobre outro indivíduo. Todos, de uma forma ou de outra, sofrem transformações nesse processo, ao mesmo tempo em que estão dando origem a uma unidade social em constante transformação.

A distinção entre o entendimento de Durkheim e Simmel sobre a dinâmica social também reflete no modo como entendem a moda como fenômeno social. Para Durkheim, "[...] a coerção é fácil de constatar quando ela se traduz no exterior por qualquer reação direta da sociedade, como é o caso em se tratando do direito, da moral, das crenças dos usos e até das modas" (DURKHEIM, 1977, p. 8). A moda, portanto, seria uma expressão da força coercitiva externa que recai sobre os indivíduos. Para Simmel, a moda tem a característica de uma unidade transitória, de um apaziguamento efêmero dos conflitos entre o impulso social e de diferenciação. Nesse sentido, ela está sempre sujeita a mudanças, uma vez que ela é a face exterior de impulsos em permanente conflito, e não somente a exterioridade de uma submissão. É bem verdade que, segundo Simmel, "A essência da moda consiste em que, sempre, quem a prática é apenas uma porção do grupo, ao passo que o conjunto acha-se ainda a caminho dela" (2020, p. 53). Mas, mesmo nesse trecho, aparentemente concordante com a visão de Durkheim, o que se vê é que ele está amparado por um dualismo próprio de cada indivíduo, que se exterioriza não apenas na moda, mas nas diferentes formas de socialização. Na moda, observa Simmel, é o caso de se observar a oposição entre distinção e imitação, que é uma das materializações dessas forças opostas, visto que,

> Cada forma essencial de vida ao longo da história da nossa espécie representa, em seu respectivo domínio, um modo particular para unificar o interesse na duração, na unidade, na igualdade, com o interesse na mudança, no particular, na singularidade (SIMMEL, 2020, p. 44)

Essas forças opostas, da igualdade e da singularidade, e de uma permanência na mudança, não só são externadas estruturadas pelas formas de socialização, como também ali são apaziguadas, mesmo que temporariamente, quando as singularidades encontram abrigo em uma universalidade transitória.

Para Vandenberghe, "[...] olhando-se de perto, verifica-se que a moda aparece em Simmel como uma forma de associação que alia a tendência a imitar o grupo e a tendência de se distinguir dele [...]" (2018, p. 75), e essas dualidades observadas por Simmel, conclui Vandenberghe (2018), fornecem uma chave para compreender *A moda*, além de outros ensaios nos quais Simmel aborda ou se dedica ao tema. Tendo em vista essas considerações, deslocar o ensaio *A moda* de um contexto teórico mais do pensamento simmeliano, implica na diminuição da sua força analítica diante do fenômeno da moda, esquecendo que tal fenômeno é uma das expressões, dentre outras, dos impulsos internos contrários que ganham plasticidade no mundo externo e no corpo social.

Até aqui, apoiado em outros textos de Simmel, foi indicado como ele observou o fenômeno da moda a partir da identificação das duas forças contraditórias que se fixam

nela, a saber, o impulso social e o impulso de diferenciação. Esses impulsos do indivíduo, que encontram um breve apaziguamento na unidade formal da moda, guardam uma anterioridade em relação à própria moda. Eles formam um dos muitos pares de forças antagônicas fundantes de tantas outras formas de socialização observadas por Simmel, e que estão na base de toda unidade social. Vandenberghe (2018) chama a atenção para o fato de que "[...] na sociologia formal de Simmel, a estrutura das polaridades forma a gramática generativa das formas sociais" (p. 75). Esse antagonismo de forças observado por ele revela uma universalidade manifesta pelas formas de socialização, que ganham expressões distintas, entre elas a moda.

Lipovetsky critica essa universalidade, uma vez que, segundo ele, para pensar a moda é necessário "[...] que se renuncie a fazer dela uma constante histórica fundada em raízes antropológicas universais" (2009, p. 24), exatamente como Simmel o fez. Essa universalidade formal de Simmel se opõe à perspectiva de Lipovetsky, segundo a qual

> [...] a moda é formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade. Não é invocando uma suposta universalidade da moda que se revelarão seus efeitos fascinantes e seu poder na vida social, mas delimitando estritamente sua extensão histórica (2009, p. 24-25)

Lipovetsky manifesta um entendimento da moda como fenômeno distinto do entendimento de Simmel, cujo interesse na moda como fenômeno social é, de fato, formal, como de resto é seu interesse pelos objetos do cotidiano e pela estetização da vida (RAMMSTEDT, 2015). Simmel não nega as relações sócio-históricas, mas ele as entende no contexto de conteúdos particulares abarcados por formas estruturantes. Essa é a razão pela qual ele afirma que, "A diferença [da sociologia] das demais ciências histórico-sociais não é, pois, seu objeto, senão o modo de considerá-lo, a abstração particular que nela se leva a cabo" (SIMMEL, 2015, s.p., tradução nossa). Simmel não interroga o objeto para buscar o seu conteúdo sócio-histórico, mas para buscar o que há de universal em cada evento circunscrito no seu tempo. Como ocorre em muitos outros dos seus ensaios, *A moda* percorre esse caminho – ou esse desvio -, partindo de uma leitura do presente em direção a uma forma estruturante que revela uma universalidade anterior, originada nos impulsos em conflito. Por isso foge ao texto de Simmel uma especificidade temporal da moda. Tais especificidades são próprias dos conteúdos de cada moda, e não dos conflitos comuns a todas as modas, estruturados pelas formas de socialização em diferentes tempos históricos, como as polarizações entre distinção e imitação, individualidade e impulso social:

> Caso se questione a história das modas – até aqui investigadas apenas no tocante ao desenvolvimento dos seus *conteúdos* – quanto ao seu significado para a forma do seu processo socializador, ela se revela a história da tentativa de acomodar a satisfação cada vez mais completa dessas duas contratendências a cada respectivo estado da cultura individual e social (SIMMEL, 2020, p. 46)

Entende-se que os aspectos relativos aos contextos históricos e culturais específicos são expressões que acomodam as tendências opostas que ali permanecem com suas potências individualizantes. Tais acomodações são sempre um *quase*, uma *tentativa*, como escreveu Simmel, que nunca se realizam na sua plenitude. As forças contrárias continuam a agir por detrás de uma unidade apaziguadora provisória da forma moda.

Cabe agora examinar como a questão da imitação e a moda se relacionam com os elementos teóricos da sociologia de Simmel, no interior do próprio ensaio *A* moda.

4 EM *A MODA*, A MODA NÃO É SÓ MODA: O SEGUNDO DESLOCAMENTO

Como imitação, a moda satisfaz o impulso social e o movimento em direção à universalidade, “Mas, não em menor grau, a moda ainda satisfaz a necessidade de distinção, a tendência à diferenciação, à alternância e ao destacar-se” (SIMMEL, 2020, p. 46), que permanecem como forças a serem atendidas, e que serão atendidas somente nos movimentos de mudanças que ocorrem na moda. Se, em momentos históricos específicos tais mudanças ocorreram pelo abandono de determinadas manifestações estéticas pela classe superior, uma vez que aquelas manifestações foram abraçadas por outras classes sociais, essas mesmas mudanças são, para Simmel, manifestações das distinções individuais que se abateram sobre diferentes indivíduos, e voltam a se conciliar com o universal e com o impulso social através de uma *nova* moda. O ciclo recomeça, atestando a “permanência na mudança”.

> Assim, em todas as manifestações para as quais ela é um fator formador, a imitação corresponde a *uma* das direções básicas do nosso ser, aquela que se satisfaz com a fundição do indivíduo na universalidade, acentuando o permanente em meio à mudança. Mas onde, por outro lado, busca-se pela mudança em meio ao permanente (SIMMEL, 2020, p. 45)

Com isso, Simmel atesta a atuação de forças contraditórias na formação da moda como processo socializador, enredada em um ciclo mantido pelos princípios contraditórios do impulso da diferenciação e da permanência, própria da universalidade conquistada pela imitação. Por isso, para ele,

> A vida social aparecerá como o campo de batalha a ser disputado centímetro por centímetro entre essas duas tendências; e, pelos mesmos motivos, as instituições sociais aparecerão como acordos – jamais duradouros (SIMMEL, 2020, p. 45)

Quando Crane (2006) aponta o processo de imitação como elemento central da teoria simmeliana sobre a moda, ela acaba por não revelar ao leitor como Simmel entendeu a origem desse processo de imitação, e qual sua relação com os processos de interação e socialização. Mais adiante, Crane (2006) também faz referência à falta de uma pesquisa mais

detalhada do processo de imitação no ensaio de Simmel, o qual, segundo ela, deveria dar conta de um maior entendimento da natureza da moda, uma vez que, “A teoria de Simmel supõe que novos estilos eram largamente adotados, mas a questão de quem os adotava ou não é crucial para entender a natureza da moda nas sociedades de classes do século XIX” (CRANE, 2006, p. 31), questão essa que faltaria no ensaio de Simmel. A constatação dessa falta em seu trabalho, segundo Crane, é revelada pelo desprezo a uma investigação sobre a natureza da moda, na medida em que ele não observou se o contágio ocorreu de forma ampla, saindo da classe superior, atravessando a classe média e chegando aos estratos mais baixos.

De fato, tal ponto não parece ter sido explorado por Simmel, visto que sua preocupação com a moda caminhou em direção contrária. A observação da imitação tem para Simmel a importância da validação dos antecedentes desse fenômeno, e não uma verificação de sua extensão. Isso fica claro, por exemplo, nas preocupações apontadas por ele no capítulo inicial de sua *Sociologia* (SIMMEL, 2015), quando é destacado que cabe à sociologia inquerir sobre os pressupostos da sociedade, não se tratando de um sentido histórico ou descritivo do surgimento de uma sociedade em condições específicas. Para ele, entre os problemas sobre os quais a sociologia deve atentar, reside a questão de “Saber qual o ***a priori*** que possibilita e forma a estrutura **empírica** do indivíduo em ser social” (SIMMEL, 2015, s.p., tradução nossa, negrito nosso). A direção de sua sociologia, portanto, é mesmo outra. Ela toma a direção da busca do *a priori* que decanta e se cristaliza na empiria.

Essa “antropologia fundante”, para usar a expressão de Waizbort (2008), aponta para uma abordagem da moda distinta daquela perseguida por Crane. Simmel não discute a travessia de classes, ou a imitação, mas toma essas exteriorizações como representações de conflitos que não são próprios e exclusivos da moda, mas estão objetivados nela. Isso também fica evidente nos parágrafos iniciais do próprio ensaio *A moda*, onde se pode ler que

> A maneira como nos é dada a conceber as manifestações da vida nos faz sentir uma multiplicidade de forças em cada ponto da existência [...] E é somente quando a energia interna extrapola a medida de sua expressão visível, que a vida ganha aquela riqueza de possibilidades não esgotadas, que complementa sua efetividade fragmentária; somente com isso suas manifestações permitem adivinhar que há forças mais profundas, tensões mais sem solução, e todo um gênero mais abrangente da luta e da paz, do que trai a realidade imediatamente dada dessas manifestações (SIMMEL, 2020, p. 43)

Nesse belo parágrafo inicial do ensaio, Simmel aponta a dimensão da tarefa que ele se impõe ao se lançar sobre o fenômeno da moda. A batalha que o espera é maior que a escaramuça de uma moda ou um modismo substituindo outro. Sua dificuldade recai sobre o fato de que

> Esse dualismo não pode ser descrito sem mediações, mas sim apenas ser sentido, pelo contato com as contraposições individuais típicas da nossa existência, como a forma última, criadora dessas contraposições [...] É possível ir desenrolando toda a história da sociedade seguindo a luta, o compromisso firmado, as reconciliações lentamente obtidas e rapidamente perdidas que vão surgindo entre a fusão com os nossos grupos sociais e o destaque que o indivíduo ganha ao destacar-se deles (SIMMEL, 2020, p. 43-44)

É ali, na luta conflagrada entre as diferentes tendências, que a moda surge como forma e meio socializador das conciliações que rapidamente se desfazem. É nesse campo de batalha que se dão "[...] as condições de vida da moda como uma manifestação universal da história de nossa espécie" (SIMMEL, 2020, p. 46), ora direcionando o indivíduo à integração e ao universal através da imitação, ora satisfazendo sua necessidade de distinção e diferenciação. Por essa razão, de fato, quem adotava ou não os novos estilos não era uma questão crucial para Simmel. Para ele, não é ali que reside a natureza da moda, como sugere Crane (2006), mas sim nas forças contrárias do espírito que se objetivam na forma moda.

Para finalizar esta breve reflexão, vale lembrar o último parágrafo do ensaio de Simmel, no qual ele conclui que

> [...] a moda se mostra apenas uma estrutura singular e com características especiais em meio a tantas outras, nas quais tanto a finalidade social como a individual objetivaram as correntes contrapostas da vida, dando-lhes o mesmo direito (2020, p. 75)

Se a moda é essa objetivação da vida observada pela sociologia de Simmel, a qual não é só sociologia, mas "[...] uma extensão e uma aplicação, entre outras, de sua filosofia [...]" (VANDENBERGHE, 2018, p. 24), pode-se dizer então que, para ele, a moda não é só moda ou só imitação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente do que é sugerido na referência que Crane (2006) faz a Simmel, o ensaio *A Moda* é mais que a revelação de um mecanismo de imitação. Ao retomar de maneira breve a discussão proposta por Simmel (2020), verificou-se que a moda é a expressão de uma forma de socialização que se materializa nas práticas do vestuário. A leitura do ensaio de Simmel deve ter no horizonte os desdobramentos de suas reflexões teóricas, as quais permitem revelar as interações e as formas de socialização presentes em diferentes práticas socializadoras, entre elas a moda. Essas práticas socializadoras, que estão na base da própria formação das unidades sociais, conforme apontado por Simmel, possuem caráter provisório, e são marcadas por breves apaziguamentos em um universo de conflitos e diferenças.

Com os desdobramentos teóricos aqui apontados, espera-se que esse rápido texto sirva de apoio para que estudantes de moda se apropriem do ensaio simmeliano, dando conta de que a moda como fenômeno social ultrapassa a condição de uma teoria da imitação. Visto dessa maneira, o texto simmeliano se apresenta como uma lente que permite ler a moda como um fenômeno movediço, que ao materializar-se na forma de vestuário evidencia práticas socializadoras, conflitos e redes relacionais que tornam fugazes as fronteiras entre grupos e indivíduos.

A partir desse ponto, um novo desafio de ordem metodológica se apresenta. Ele diz respeito a identificar e suspender para análise os momentos nos quais os apaziguamentos são abalados pelas diferenciações, antes que se tornem modas e sejam, mais uma vez, temporariamente apaziguados. Nesse sentido, o desafio não é percorrer o caminho da imposição da moda, que pode ou não atravessar diferentes classes sociais em diferentes direções, mas conseguir localizar a centelha da diferenciação que, em um lapso temporal, deixará de ser diferenciação para se transformar novamente em moda.[2]

REFERÊNCIAS

CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ERNER, G. **Vítimas da moda?**: como a criamos, por que a seguimos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

FONTES, B. Tecendo redes, suportando o sofrimento: sobre os círculos sociais da loucura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, no. 37, set/dez, 2014, p. 112 – 143.

FRISBY, D. Simmel and the study of modernity. *In*: KEMPLE, T.; PYYHTINEN, O. (Eds.). **The Anthem companion to Georg Simmel**. London; New York: Anthem Press, 2016, s.p..

GONON, Philipp. Simmel and his Lectures on Education in the Context of German Progressive Education. **Simmel Studies**, Volume 23, Number 1, 2019, p. 89-107. Disponível em: https://www.erudit.org/fr/revues/sst/2019-v23-n1-sst04800/1062540ar/. Acesso em: 03 junho 2020. https://doi.org/10.7202/1062540ar.

KEMPLE, T.; PYYHTINEN, O.. Editor's introduction. *In*: KEMPLE, T.; PYYHTINEN, O. (Eds.). **The Anthem companion to Georg Simmel**. London; New York: Anthem Press, 2016, s.p..

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PYYHTINEN, O. Simmel's resonance with contemporary sociological debates. *In*: FITZI, G (ed.) **The Routledge international handbook of Simmel studies**. New York: Routledge, 2020, p. 63 - 85.

RAMMSTEDT, O. Como Georg Simmel chegou à modernidade e lá lhe permaneceu fiel?. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, abr. 2015, p. 53-73. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752015000100053. Acesso em: 10 ago. 2020.

2 REVISÃO: Maria Domicília Filipe. Licenciada em Letras pela FFLCH-USP. E-mail: mariadomicilia.filipe@gmail.com

RAMMSTEDT, O. Historia de la sociología de Simmel de 1908. Traducción por Carlos A. Mosquera. **Revista Colombiana de Sociología**, *[S. l.]*, v. 3, n. 1, 1996. Disponível em: https://revistas.unal.edu.co/index.php/recs/article/view/8692. Acesso em: 07 fev. 2020.

RUGGIERI, D. Relations, forms, and the representation of the social life: Georg Simmel and the challenge of relational sociology as *Lebenssoziologie*. *In*: FITZI, G (ed.) **The Routledge international handbook of Simmel studies**. New York: Routledge, 2020, p. 86 -108.

SIMMEL, G. A moda. *In*: SIMMEL, G. **Cultura filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2020, p. 43 - 75.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, G. **Sociología – Estudios sobre las formas de socializacíon**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2015.

SVENDSEN, L. **Moda**: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VANDENBERGHE, F. **As sociologias de Georg Simmel**. Petrópolis: Vozes, 2018.

WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: PPG FFLCH-USP; Editora 34, 2013.

WAIZBORT, L. Georg Simmel sobre A moda – uma aula. **Iara – revista de moda, cultura e arte**. São Paulo, v.1, n.1, abr/ago 2008, p. 1 – 21. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/03_IARA_Simmel_versao-final.pdf . Acesso em: 27 abr. 2014.

Data de submissão: 07/04/2021
Data de aprovação: 02/08/2021
Publicado em: 08/09/2021